

ACESSIBILIDADE E INFORMAÇÃO: A DEFICIÊNCIA VISUAL E AS BIBLIOTECAS DE ARTE.

Lucas Alberto Miranda (UFF) - lucasalberto@id.uff.br

Resumo:

A presente pesquisa tem como tema central a discussão sobre acessibilidade em Bibliotecas de Arte no contexto da deficiência visual. Partindo de uma fortuna crítica sobre a assimilação da deficiência como uma produção social que delimita certos corpos em sua possibilidade de ação no mundo, pesquisaremos como as bibliotecas tem se engajado para diminuir suas barreiras de exclusão e se empenhado em promover inclusão e acessibilidade para pessoas cegas ou com baixa visão. Analisando as medidas inclusivas da biblioteca da Universidade Belas Artes e da biblioteca Dorina Nowill, exemplificaremos essa discussão, pensando aplicabilidades dessas estratégias no contexto das Bibliotecas de Arte. Além disso, discutiremos os resultados das iniciativas e os desafios à frente no campo de estudo do acesso à informação em bibliotecas no contexto da deficiência visual, pensando como esses espaços podem diminuir desigualdades e democratizar a acessibilidade à informação no cenário contemporâneo.

Palavras-chave: *Acessibilidade; Deficiência Visual; Bibliotecas*

Eixo temático: *Eixo 9: 2º Fórum das Bibliotecas de Arte*



XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

Vitória, 01 a 04 de outubro de 2019.

INTRODUÇÃO

O escritor argentino Jorge Luis Borges narra no texto *A cegueira* sua perspectiva de experiência do mundo como pessoa cega. Esse caso em específico é interessante para iniciarmos uma discussão sobre acesso à informação, bibliotecas, e deficiência, justamente porque Borges é tornado diretor chefe da Biblioteca Nacional da Argentina no momento em que sua cegueira toma proporções severas, impedindo-o de acessar o conteúdo escrito de qualquer livro do acervo. O autor relata:

Em 1955, tive a honra de ser nomeado diretor da Biblioteca Nacional Argentina. Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca. (Outros pensam nele como um jardim ou, talvez, um palácio.) Lá estava eu, no meio de 900.000 livros em vários idiomas. No entanto, quase não conseguia ler-lhes os títulos, as lombadas. Poder-se-ia dizer que, praticamente, para meus olhos cegos, aqueles livros estavam em branco, vazios. (2004, BORGES, p.183)

Percebemos nesse relato como o acesso à informação dentro das bibliotecas perpassa campos muito extensos, para além das difíceis situações sociais de segregação por desigualdade de classe, o contexto da deficiência se faz índice desafiador da normatividade dos espaços culturais. Desse modo, pensando no campo da cegueira e baixa visão como importante eixo para discussão sobre medidas de inclusão e possíveis estratégias de redução das desigualdades e democratização do acesso à informação, buscamos dentro de bibliotecas medidas para promoção de acessibilidade ao acervo às pessoas cegas e com baixa visão.

A deficiência é um longo terreno a ser percorrido teoricamente, porém, é importante retomar brevemente alguns processos que se instauraram no campo social da sua compreensão. Inicialmente a ideia de deficiência é enclausurada no corpo do próprio indivíduo deficiente, que é visto como alguém que possui um corpo mutilado e inferior em seus processos perceptivos, nesse paradigma a deficiência é apropriada pelo discurso biomédico e vista como condição de ausência de saúde. Já na segunda metade do século XX, a perspectiva social de compreensão da deficiência inaugura novas formas de

entendimento dessa questão, concluindo que não se trata de assunto biomédico, mas de uma construção social opressora, que garante acessibilidade e poder de ação para certos corpos, privando outros de uma experiência autônoma no mundo. Nesse momento chega-se à definição mais próxima ao garantido atualmente pela Organização Mundial de Saúde para deficiência: desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera as pessoas que possuem lesões e as exclui das principais atividades da vida social. (Upias apud DINIZ, p. 37, 2012).

Pensando que os espaços e relações sociais produzem opressões que segregam certos corpos e incluem outros, é interessante pensar como as Bibliotecas de Arte pensam suas medidas estratégicas para integração de diferentes sujeitos em suas atividades, e o acesso deles aos arquivos e dispositivos de informação. A Biblioteca de Arte encontra mais desafios ainda por justamente conter muitas vezes elementos que recorrem a uma plataforma visual para além do nível textual, que nos interpela a pensar outros modos de promoção de acesso à essas produções para pessoas cegas ou com baixa visão.

METODOLOGIA

Para a elaboração desse trabalho, utilizamo-nos principalmente das produções teóricas sobre a deficiência, destacando-se: Débora Diniz em seu livro *O que é deficiência*, e trabalhos práticos e teóricos exercidos em determinado momento junto ao grupo *Perceber sem Ver*, núcleo de pesquisa e extensão na Universidade Federal Fluminense, referência para estudos sobre deficiência visual no Brasil.

A partir de algumas medidas implementadas nas bibliotecas *Dorina Nowill*, no Distrito Federal e na Biblioteca da Universidade Belas Artes, na capital de São Paulo, por meio de revisão bibliográfica sobre essas instituições, analisamos como suas ações se relacionam com as questões teóricas apresentadas sobre a deficiência e como suas iniciativas podem ser aplicadas nas Bibliotecas de Arte, além de refletirmos como essas atitudes produzem inclusão e apontam desafios para garantia de maior acessibilidade no contexto da deficiência visual.

DESENVOLVIMENTO

Percebemos que grande parte das bibliotecas não conta com medidas de inclusão que garantam acesso à informação resguardada em seus acervos ao público cego e com baixa visão. Essa problemática é corroborada pelo fato de poucas produções escritas serem adaptadas para o braile e sua disseminação ainda encontrar poucos investimentos.

Assim, frente ao escasso material disponibilizado pelas editoras e outras fontes de produção literária e acadêmica em braile, a biblioteca se vê desafiada a pensar outras estratégias que tentem na medida do possível integrar esses sujeitos às suas atividades e acervos.

A Biblioteca *Dorina Nowill*, no Distrito Federal e a Biblioteca da Universidade Belas Artes, na capital de São Paulo, são instituições que se destacam no contexto da acessibilidade à informação e promoção de engajamento entre pessoas cegas e com baixa visão aos ambientes de acervo literário. Percebemos nelas iniciativas que vão desde digitalização de conteúdos impressos e disponibilização em programas de computador que transformam as palavras digitadas em voz, até recursos mais simples, mas de engajamento coletivo, como as rodas de leitura promovidas para pessoas com deficiência visual.

DISCUSSÃO

Sobre a política de acesso aos conteúdos das bibliotecas por pessoas cegas e com baixa visão, um importante documento é o relatório profissional da Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições, intitulado *Bibliotecas para Cegos na era da informação: diretrizes de desenvolvimento*. Nele, encontramos a seguinte informação sobre mudanças no serviço de acessibilidade das bibliotecas: Muitas bibliotecas cada vez mais estão convertendo suas coleções para acervos digitais. Uma biblioteca digital pode assumir vários formatos e ser utilizado de várias maneiras (KAVANAGH; SKOLD, 2009).

Atenta a essa possibilidade de inclusão através de dispositivos digitais, a Biblioteca da Universidade Belas Artes apostou nessa forma de promoção de acessibilidade. A instituição conta desde 2008 com computadores que disponibilizam softwares como o *Jaws*, que permite leitura de tela e auxilia pessoas cegas no acesso à internet e utilização de programas de escrita e criação de tabelas, e o software *Magic*, outra aposta da biblioteca que possibilita a transformação de uma página digitalizada em voz, utilizado para geração de audiolivro.

As medidas oferecidas por essa instituição são interessantes, mas difíceis de serem replicadas em bibliotecas públicas que contam com pouco investimento para manutenção e compra de equipamentos. Além disso, para Bibliotecas de Arte, que contam com um grande acervo visual-imagético, dispositivos que realizam leitura digital não facilitam o acesso aos trabalhos artísticos disponibilizados nos livros de artista e outras produções que podem possuir imagens. É interessante pensar como essa perspectiva digital apontada no relatório da Federação Internacional de Associações de Bibliotecas e Instituições pode

ser aplicada no recorte das Bibliotecas de Arte.

Desde 2005 a *Google* pesquisa e desenvolve softwares de descrição de imagens. Esse processo é feito pelo próprio programa, com uso de mecanismo de inteligência artificial e não necessita de mediação humana. O dispositivo pode ser chave importante para promoção de inclusão dentro de Bibliotecas de Arte, mas ainda não há informação sobre instituições culturais que estejam integradas a esse software.

Apostando em um caminho alternativo à digitalização, a biblioteca *Dorina Nowill*, abriga há vinte e três anos um acervo com mais de três mil exemplares, grande parte composto por produções em braile e outras no formato de audiolivro. Além dessa possibilidade, a biblioteca conta com um projeto de integração que promove leituras grupais em voz alta de obras não disponíveis em formato digital, audiolivro ou braile. Apesar dos recursos escassos em relação aos recursos digitais, a biblioteca tem grande relevância no cenário nacional, sendo sede da primeira Academia Inclusiva de Autores do país, promovida através do projeto *Luz & Autor em Braile* no qual os usuários cegos e com baixa visão são convidados a escrever contos, poesias, poemas e crônicas. Os projetos de descrição falada dos livros, encontros grupais, e produção literária surgem como interessantes apostas a serem colocadas em prática nas Bibliotecas de Arte, tentando aproximar as informações nelas disponibilizadas aos públicos com deficiência visual, combatendo a desigualdade e promovendo a democracia quanto ao acesso à informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos medidas de inclusão para pessoas cegas e com baixa visão nas bibliotecas, percebemos que dois eixos regulam essas estratégias, um que se encaminha através de recursos digitais, e outro que se engaja de forma colaborativa coletiva sem assumir o processo de digitalização como regra para a produção de inclusão.

Pensando a aplicação dessas estratégias nas bibliotecas de arte, percebe-se que a integração e engajamento do público junto à produção literária, como presente na instituição *Dorina Nowill*, apresenta uma solução de integração artístico-cultural que pensa o acesso à informação mas também a produção de conhecimento por pessoas cegas e com baixa visão dentro do ambiente da biblioteca. Assim, esses espaços são pensados ativamente como construtores de redes de saber e inclusão, podendo promover mais

ativamente a redução de desigualdades e democratização do acesso às informações.

Já a via adotada pela biblioteca de Arte da Universidade Belas Artes, oferece um acesso mais pragmático e facilitado, promovendo um contato com a informação de forma mais rápida, porém menos engajada, marcada pelo aspecto individual da experiência. Essa possibilidade é também importante, visto que garante a autonomia dos sujeitos cegos e com baixa visão frente a sua necessidade de contato com o acervo. Todavia, pensando do contexto das Bibliotecas de Arte, é necessário averiguar como os novos softwares de descrição de imagem podem tornar o acervo ainda mais inclusivo pelo acesso digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, J.L. La Ceguera, in *Obras Completas*, Vol. 3. Buenos Aires: Emecé-Editores S.A, 2004.

DINIZ, D. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

KAVANAGH, R.; SKÖLD, B. C. (Ed.). *Bibliotecas para cegos na era da informação: diretrizes de desenvolvimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.